

NARA:
Não tenho
mais razão
para
cantar



OPASQUIM

Rio (GB), agosto — 1969 — Número 7 — Tudo na vida tem seu preço; o nosso é NCr\$ 0,50

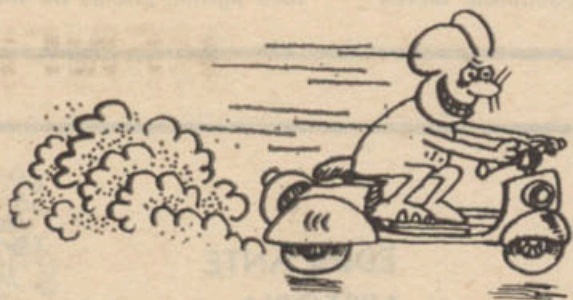
DI CAVALCANTI:
NUNCA
CONSEGUI
AMAR UMA
MULATA



PAULO
FRANCIS:
SE A LUA
FÔSSE
QUADRADA,
NIXON
SERIA
AVANÇADO

VIVA CHICO

BUARQUE DE HOLANDA



A exemplo da galinha e do ovo, esporte e indústria têm-se gerado reciprocamente na Itália. A melhor época da bicicleta italiana coincidiu com a glória de Fausto Coppi nos giros ciclísticos europeus. Escalando barrancos a trancos e pedaladas, Coppi foi o justo herói para os anos difíceis de após-guerra. Agora, pernas pro ar que ninguém é de ferro. A motomania vingou na Itália como em nenhuma outra parte. E para ilustrar o sucesso da mercadoria, eis que surge imbatível o campeão mundial de motociclismo, um italiano, boa pinta, chamado Agostini. No entanto, dizer que Agostini foi simplesmente inventado pela indústria é como insinuar que Pelé jogue do jeito que joga para satisfazer a fábrica que exporta chuteiras com o seu nome. A verdade é que esse corredor está atingindo a popularidade dos grandes nomes da canção, do futebol e do cinema. E o modelo que faltava para desenfrear de vez o já fabuloso consumo de bicicletas motorizadas.

Sempre em dia com a onda, comprei também a minha motoneta. É uma Vespa de 50 cilindros, ou 50 cilindradas, ou pistões, não sei bem, é uma Vespa de 50 alguma coisa. Todos os meninos do bairro têm a sua, e domingo a gente promove umas corridas legais, lá na Vila Borghese. Com isso evito a amolação de viver pedindo chave de carro ao papai. E não bastasse o prazer que a motoneta

proporciona, precisa ver como ela é útil durante a semana. Segunda-feira, de gravata e capacete, vou motorizado ao centro da cidade e estaciono a bicha de qualquer jeito. O diretor tem uma Mercedes grande e uma raiva enorme de minha pessoa. Caspíte, Tchico, você deveria ser o último a montar nessas bicicletas. Venha cá que ti faccio vedere una cosa. Ecco, vedi questo? Ele abre um fichário e mostra a crise do disco na Itália. A queda começa no ano passado, justamente quando aparece a moda desses motorini maledetti. Pois é natural, digo eu. O jovem que, até então, comprava dois discos por mês, com as mesmas duas mil liras paga a prestação duma minimoto-cicleta. Depois, as garôtas não vão sair comigo só porque tenho um disco do Morandi em casa. Você sabe, elas hoje querem saber é de velocidade, emoção, aventura, e com a minha Vespa chego a dar 80 por hora, na descida. Ma stai attento, Tchico, que você já não é um ragazzo. Se os seus discos encaharem, se a fábrica falir, quem é que vai pagar a benzina del tuo motorino? Quem paga o latte di tua figlia? Ora, velho, não tem problema, adoro correr esses riscos. Adoro apostar em cavalo azarão. Não é à toa que escrevo para um jornal carioca que, toda semana, é motivo de apostas se vai à falência neste ou no próximo número.

ANÍSIO



Guanabara, 30 de junho de 1969
Leon, meu abraço.

Hoje saiu mais um número do PASQUIM e você ainda não faz parte da gloriosa equipe de pasquinsadores. A sua despasquinização ferrenha é motivo para divagações minhas. Pasquinizar-se, hoje em dia, é um verbo pra frente, bicho! O humorista despasquinizado é um pobre humorista fora de órbita e entrar na órbita dos acontecimentos é nosso dever. Onde tem oba-oba devemos estar e o pasquinizamento é um oba-oba de Mangueira ou de shows do falecido Carlos Machadi. Pasquinize-se enquanto é tempo. Eu sei que sua atitude é ligada ao fato do dinheiro pasquinico não existir mas, pô! O dinheiro que você poderá vir a ganhar pela lembrança que o Pasquim dará, de você, aos que têm dinheiro, é incontável. Agora que você abriu uma boutique de idéias, porque não dá a você próprio esta: fazer do Pasquim uma vitrine do seu talento. Você ganhará leitores e quem sabe se de cada 100 leitores um não se tornará seu admirador e se de cada 200 admiradores um não virá a ser seu cliente? A propaganda é alma do negócio, já dizia o Juquinha depois de escrever no quadro-negro da escola aquela frase sobre seus dotes de varão. Assim como a psicanálise é a maneira mais errada de usar um sofá, a teimosia é o modo menos lógico de mostrar inteligência. Se suas idéias atualmente estão dirigidas a promoções e publicidade, eu, na qualidade de seu amigo, tomo a liberdade de sugerir alguns temas para que você colabore conosco (viu? até já me sinto na turma) 1.º) Faça uma crônica sobre o cara que queria se livrar

da mulher e por três vezes a colocou num avião que ia para Miami (ele morava em Nova York). E por três vezes Fidel Castro devolveu a mulher; 2.º) um artigo sobre as mini-saias. E até lembro a você que elas foram proibidas num colégio e ninguém reclamou. Aparentemente não tem graça. Mas o Colégio foi o Santo Inácio. Continua sem ter graça, mas agora tem explicação; 3.º) faça a biografia do José Fernandes de, de tanto falar mal de todos no programa do Flávio Cavalcanti, uma noite dessas ofereceu um jantar aos amigos e teve o dis-sabor de jantar sozinho; 4.º) fale alguma coisa sobre a Lua, evitando, todavia, aquelas piadas de que o Armstrong ao chegar lá a Terra estava em quarto minguante, ou era noite de terra cheia, ou vários etcéteras do mesmo nível; 5.º) umas piadinhas sobre o trânsito — que sempre funcionam. E até lhe dou uma pra começar: "Dirija com cuidado; lembre-se que 85% das pessoas são causadas por acidentes. Bolas! Você não pode é continuar em recesso. Você, todos sabemos, é desses humoristas que só trabalham mesmo por uma questão de nece\$\$idade. Mas está na hora. Dentro de pouco tempo o Heron e o Rubens chegarão a Marte! Veja como o mundo caminha com rapidez, Leon. Um dia o próprio Topo Gigio poderá ingressar num dos dois sexos primitivos. As coisas vão acontecendo com aquela rapidez com que o coelho acontece e não está acontecendo nada com você. Escreva, Leon, De graça. E logo. Senão, quando você quiser, eles vão cobrar.

o seu amigo de sempre